

# Jesus e seu tempo

Como era a Palestina quando Ele passou pela Terra? Relatos de estudiosos mostram aspectos de uma sociedade oprimida por Roma

CLEIDIANA RAMOS

A história do ocidente não pode ignorar Jesus Cristo. Os fatos que cercaram sua vida e morte influenciaram profundamente a arte, música, literatura e a história do nosso mundo, a tal ponto que o tempo é contado como antes (a.C.) e depois dele (d.C.). Mas ainda se sabe muito pouco sobre esse homem. O conhecimento sobre o seu tempo é uma das ferramentas que ajudam a entender o que ele representou, fez e falou. Os vários perfis disponíveis sobre esse homem é o que A TARDE vai mostrar na série de matérias que serão publicadas de hoje até domingo.

O que se sabe sobre Jesus está compilado em 27 livros que a Igreja reconhece como oficiais. Desse total, quatro são espécies de biografias, chamadas evangelhos (ver página ao lado). Existem também os apócrifos (relatos não reconhecidos pelos cristãos de hoje). Além disso, a literatura e o cinema contemporâneos produziram diversos produtos, tentando desvendar a natureza religiosa, mas também humana do Cristo. Um pouco do que se conhece sobre o mundo em que Jesus viveu, o ano 1 da nossa era, e que tem fascinado desde arqueólogos até historiadores torna mais fácil compreender por que esse homem mexeu e continua mexendo tanto com o imaginário não apenas dos seus seguidores.

**A TERRA** - Jesus nasceu no que hoje conhecemos como Palestina. A área de 20 mil km<sup>2</sup>, com 240 km de comprimento e máximo de 85 km de largura corresponderia ao tamanho do Estado de Sergipe. Era cercada ao lado oeste pelo Mar Mediterrâneo e a leste pelo Rio Jordão. Mas, na época de Jesus, essa denominação Palestina não era conhecida. “Ela só passaria a ser chamada assim no ano 135”, explica irmã Judite Mayer, biblista, nome dado aos especialistas em Bíblia, professora do Instituto de Teologia da Universidade Católica do Salvador (Ucsal) e religiosa da congregação Nossa Senhora de Sion. Essa área pertencia ao Império Romano, que englobava, dentre outras áreas, a Galiléia, Samaria e Judéia.

**NACIONALIDADE** - Jesus, de acordo com os evangelhos, nasceu em Belém, mas cresceu na Galiléia, em Nazaré. Esses dois fatos são extremamente importantes. O nascimento em Belém reforça a sua condição de messias, um chefe político e religioso, que era esperado pelos judeus para libertá-los da opressão romana. Segundo as profecias, essa pequena cidade era a escolhida para ser o berço desse libertador. Já ter vivido na Galiléia, vizinha da Décapole, um conglomerado de dez cidades de origem grega, demonstra que ele teve contato com uma realidade bem diversificada. “O cristianismo é uma religião que nasce num meio plural”, completa a biblista.

**ECONOMIA** - A base da economia da terra de Jesus era a agricultura, a pecuária e a pesca, além do artesanato em cerâmica, couro e madeira. Na Galiléia, cultivavam-se trigo, cevada, legumes, hortaliças, frutas (figo, uva), oliveiras. A pecuária desenvolvia-se principalmente na Judéia, por meio da criação de camelos, vacas, ovelhas e cabras. A pesca acontecia principalmente no Mar Mediterrâneo, Lago de Genesaré e Rio Jordão. O artesanato desenvolvia-se nas aldeias e cidades, principalmente em Jerusalém.

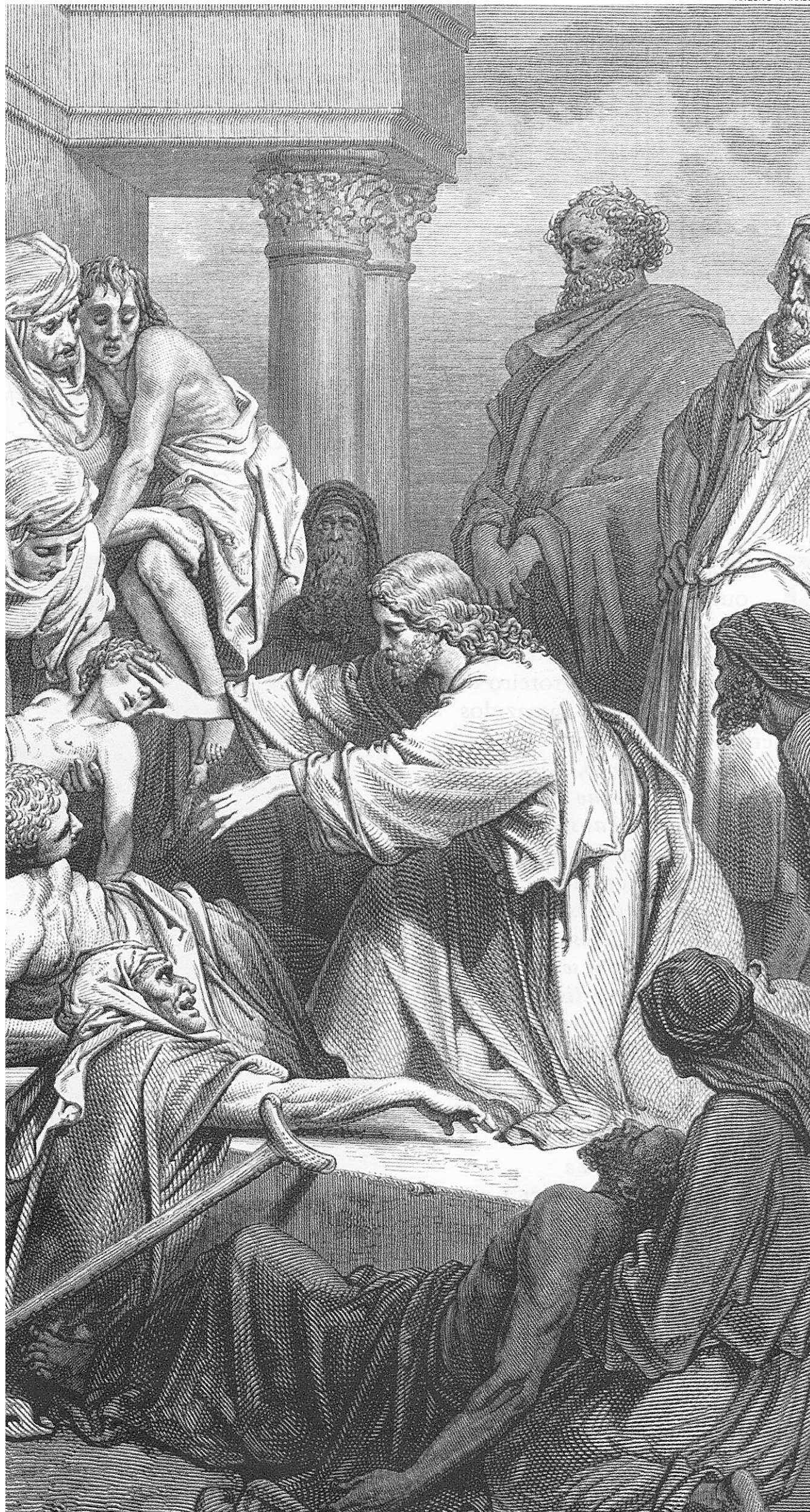
Esse tipo de cenário está presente de forma fundamental nas narrativas dos evangelhos: Jesus usa muitos cenários da agricultura em suas parábolas, como a do dono da vinha que tem seu filho morto pelos empregados maus, a do semeador numa alusão à procura do ambiente ideal para fazer sua mensagem crescer, dentre outras. Além disso, o próprio Jesus é dado como artesão (carpinteiro), seus discípulos são pescadores e um deles é cobrador de impostos, uma classe odiada, pois era a maior representação do poder romano.

**POLÍTICA** - Quem manda na região é o Império Romano. Como se não bastasse a falta de autonomia política, o povo da área vive empobrecido pelos impostos que eram obrigados a pagar a Roma. Era imposto pessoal, sobre terras, para circular, e muitos outros.

“Embora aparentemente vivesse a tão famosa Pax, o Império Romano já estava em decadência, e aquele era um ambiente político sempre instável”, diz irmã Judite. O centro do poder político é Jerusalém. Embora a Palestina do tempo de Jesus esteja sob intervenção romana, daí o porquê de ter sido julgado por Pôncio Pilatos, há uma aparente autonomia, com os reis vasalvos, caso de Herodes.

A elite religiosa também governa, pois o Templo é o centro de toda a vida local. O sumo sacerdote manda, assessorado por um Sinédrio composto por 71 membros. Essa instituição é uma espécie de Tribunal Supremo (criminal, político e religioso) e têm influência até sobre os judeus que vivem fora da Palestina.

Os poderes locais vivem fazendo malabarismo para controlar a insatisfação contra o império. Esse tipo de temor é um dos motivos envolvidos no desenrolar dos fatos que levam Jesus à morte. Julgado um crime religioso, blasfêmia por se dizer filho de Deus, ele acaba recebendo a pena reservada para bandidos e agitadores políticos, ou seja, a crucificação.



ARQUIVO - A TARDE

**GRUPOS POLÍTICO-RELIGIOSOS** - Na sociedade judaica, conviviam diversas tendências diferenciadas por seu modo de pensar a religião e a própria relação com os romanos. Eles estão presentes em várias passagens dos evangelhos, principalmente os saduceus, fariseus e doutores da lei, sempre em disputas verbais com Jesus.

**SADUCEUS** - Formado por uma elite econômica e sacerdotal. Controlavam a administração da justiça no Sinédrio. Eram rigorosos em relação ao cumprimento das leis religiosas e viviam preocupados com a ordem pública.

**DOCTORES DA LEI (escribas)** - Eram os intérpretes abalizados das escrituras, o que lhes dava muito poder. Conheciam também o direito, a administração e a educação. Tinham influência, principalmente no Sinédrio, onde se apresentam como juristas para aplicar a lei em assuntos governamentais e judiciais e na sinagoga, para interpretar as escrituras, criando uma tradição de aplicação e adequação dos códigos religiosos.

**FARISEUS** - A palavra fariseu quer dizer “separado”. Eram nacionalistas e hostis ao Império Romano, mas numa resistência pacífica. Eram mais liberais em relação ao povo. “Eles inclusive se preocupavam com o acesso do povo ao conhecimento da lei”, diz irmã Judite. Esse grupo era formado por pessoas vindas de todas as camadas da sociedade e, principalmente, artesãos e pequenos comerciantes. Englobava também o clero pobre, que fazia oposição à elite sacerdotal. Em relação à religião, defendiam o rigoroso cumprimento da lei, inclusive criando novas tradições a partir da interpretação que faziam dela. Defendiam a crença na predestinação, na ressurreição e no messianismo, representado por um líder político-espiritual. Para eles, a vinda do Messias traria o fim dos tempos e a libertação de Israel, mas teria que ser um descendente de Davi.

**ZELOTAS OU ZELOTES** - Uma facção do farisaísmo. Esse grupo era formado principalmente pelos pequenos camponeses e as camadas mais pobres da sociedade, que se sentiam oprimidos pelo sistema de impostos. Eram muito religiosos e nacionalistas. Desejam expulsar os romanos e combatiam o governo de Herodes na Galiléia. Querem um Estado onde Deus será o único rei, representado pelo seu messias. Diferentemente dos fariseus, partem para a luta armada e, por isso, são tidos como criminosos e sempre têm os romanos em seu encalço. Dentre os apóstolos de Jesus, acredita-se que existiam dois zelotes: Pedro e Judas Iscariotes, que ficaria marcado como o traidor.

**ESSÊNIOS** - Esse grupo se tomou mais conhecido a partir da descoberta dos chamados “Manuscritos do Mar Morto”, descobertos em 1947. Viviam em comunhão, nas regiões de grutas, distantes de Jerusalém, num estilo de vida onde os bens comuns eram divididos, havia a obrigação de trabalhar com as próprias mãos, o comércio era proibido, bem como o derramamento de sangue, mesmo em forma de sacrifício. A organização de suas comunidades lembram as atuais ordens religiosas com condições para admissão, período de preparação, governo hierárquico, disciplina severa, rituais de purificação, dentre outros. Aguardavam um messias chamado Mestre da Justiça, que exterminaria os ímpios numa guerra santa e estabeleceria o reino eterno para os justos.

**SAMARITANOS** - Eram judeus, mas não freqüentavam o templo de Jerusalém. Para eles, o lugar de culto era o Monte Garizim, na Samaria. Também aguardavam um enviado divino, mas chamado Taeb (aquele que volta). Não era um descendente de Davi, mas sim um novo Moisés, que iria revelar a verdade e pôr o mundo em ordem. Viviam em conflito com os outros judeus, que os consideravam raça impura, por ser descendentes de uma população misturada a estrangeiros.

**RELIGIÃO** - A sociedade judaica é extremamente religiosa. A sua prática estava centrada em dois pólos fundamentais: o templo e a sinagoga.

**O TEMPLO** - Era o centro de Israel. Todos os judeus tinham que ir até lá, principalmente na grande festa da Páscoa, para prestar culto ao Deus único, santo, puro, separado, perfeito, de quem não se podia nem pronunciar o nome. Por natureza, os seres humanos e as coisas já eram profanos, imperfeitos, banais e impuros. A única forma de purificação é a aproximação com esse Deus supremo. Quanto mais longe se estiver dele, mais impuro.

Daí vinha o poder das classes sacerdotais, pois eles estavam muito mais

perto de Deus e portanto aptos para decidir o que era puro ou impuro e o que fazer para se purificar.

A autoridade dos sacerdotes sobre o povo legitimava o templo como um centro econômico e também político. Nele, por exemplo, aconteciam a troca de moedas estrangeiras – câmbio – e o comércio dos animais usados nos sacrifícios, o que vai produzir a famosa explosão de Jesus expulsando e chicoteando vendedores e derrubando as bancas de negócios.

Os judeus, ao proclamarem sua crença num Deus Único, se destacaram entre os povos da região, pois a regra religiosa mais geral era o politeísmo, ou seja, a fé na existência de várias divindades.

A relação entre eles e o santo, também

chamado Javé, era de reverência por ser seu povo escolhido, por meio de uma aliança firmada após a libertação do Egito, onde eles viveram como escravos. A morte de Jesus vai ser encarada pelos cristãos como a renovação dessa aliança e sua extensão a toda a humanidade.

**A SINAGOGA** - Era o centro religioso para o dia-a-dia. Elas existiam até nos pequenos povoados para que o povo se reunisse e ouvisse a Palavra de Deus. Qualquer israelita adulto podia fazer a leitura de um texto na sinagoga e explicá-lo. Mas nem todos os faziam. Nos povoados menores serviam também de escola para jovens e crianças. Nos centros maiores, construíam-se salas de aula ao lado da sala de reunião.